



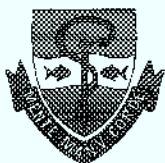
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PIRACICABA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

Monografia de Final de Curso

Aluno(a): **ADRIANA CRISTINA SANJUAN**



Ano de Conclusão do Curso: 2003

TCC 037



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PIRACICABA**



ADRIANA CRISTINA SANJUAN

**Compilação de relatos históricos sobre a vida,
martírio e iconografia de Santa Apolônia, padroeira
da Odontologia**

Monografia apresentada à
Faculdade de Odontologia de
Piracicaba da Universidade
Estadual de Campinas, para
obtenção do título de
cirurgião -dentista
Orientador: Prof. Miguel
Morano Jr.

Piracicaba
2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE ODONTOLOGIA DE PIRACICABA
BIBLIOTECA

DEDICATÓRIA:

Dedico a todos que me apoiaram nesta jornada que chegou ao fim, e principalmente aos meus familiares que me deram força e condições para que mais um grande sonho fosse realizado.

AGRADECIMENTOS:

A todos os professores que ministraram o curso de graduação, que tiveram paciência e sabedoria de transmitir o melhor de seus conhecimentos para nós.

Em especial ao professor Miguel pela grande amizade e carisma com que me acolheu e me ajudou, orientando-me para escrever essa monografia.

Aos amigos e colegas agradeço pela amizade e companheirismo que tivemos durante esta jornada que termina.

SUMÁRIO:

Introdução01

Martírio02

Iconografia04

Lendas e crenças Populares.....11

Rezas e Simpatias.....13

Conclusão.....17

Referências Bibliográficas.....19

INTRODUÇÃO:

No ano de 248, na cidade de Alexandria, existia um célebre feiticeiro que profetizava uma grande desgraça de que a cidade seria vítima, se os adoradores dos deuses não se resolvessem a exterminar os cristãos, que eram seus maiores inimigos. O povo deu crédito as predições do embusteiro e abriu forte campanha contra os discípulos de Cristo.

No ano de 249 a.C. , no último ano do reino do imperador Felipe, houve uma revolta contra os cristãos em Alexandria, Egito. Vários cristãos foram dominados pelos pagãos, encontrando a morte após terem sido martirizados. Entre esses estava a virgem Apolônia, filha de um rico e proeminente magistrado, cujos dentes foram fraturados com pedras e bastões, e o seu rosto, ferido. Os fanáticos a levaram então para fora da cidade, acenderam uma grande fogueira e ameaçaram jogá-la viva no fogo, caso não renegasse a fé cristã. Nos poucos minutos que lhe foram dados para refletir, a jovem donzela aproveitou a falta de atenção dos seus torturadores e atirou-se na fogueira, morrendo queimada. Segundo a tradição, gritou antes de se atirar, dizendo que todos aqueles que sofressem de dor de dente e invocassem seu nome, teriam alívio imediato.

Como toda profissão a Odontologia também tem seu santo protetor, a Santa Apolônia, que é invocada contra dor de dentes e todas as doenças dentárias, o que se deve de como ocorreu seu martírio e morte. Seu distintivo mais comum na arte é um boticão segurando um dente, ou um dente de ouro pendurado em seu colar.

Santa Apolônia foi canonizada no ano 300 a.C., e a igreja marcou o dia de sua morte, 9 de fevereiro, para celebração de sua festa.

Martírio:

No decorrer do ano de 248, no Império Romano, após a sexta perseguição de Maximino, a Igreja Católica viveu dias serenos com o Imperador Felipe. Até que em Alexandria de Egipto, a 2ª cidade do mundo, um anônimo, fanático feiticeiro e poetaço excita o povo com incrível violência à exterminação dos Cristãos.

E assim, no ano de 249, por um edito do novo Imperador Décio, vencedor de Felipe em setembro, na batalha de Verona, desencadeia a 7ª perseguição aos Cristãos, e nesta encontra-se o martírio de Santa Apolônia, padroeira dos dentistas, que no calendário litúrgico comparece ao dia 9 de fevereiro.

Os documentos sobre o martírio de Santa Apolônia são escassos, no entanto, há um documento probatório e de absoluta autoridade – trata-se de uma carta de São Dionísio, bispo da diocese de Alexandria na época dirigida à Fábio, bispo da Antioquia, a qual descreve com vividez e exatidão os trágicos acontecimentos de Alexandria.

Quando começaram as perturbações populares, Apolônia, que já era idosa encontrava-se doente em sua casa. Ela possuía várias virtudes por isso era venerada pelos fiéis, o que provavelmente foi a causa do encarniçar furioso e cruel sobre ela.

Apolônia, aquela admirável virgem já avançada em idade, foi capturada pelos perseguidores, os quais bateram em suas maxilas, a ponto de caírem todos os seus dentes (figura1). Depois, ameaçaram queimá-la viva em uma fogueira. Apolônia pede para ser deixada livre por uns instantes e posteriormente atira-se espontaneamente sobre o fogo e é devorada pelas chamas.

Apolônia não foi submetida à intencional extração de seus dentes, mas provavelmente foi golpeada com pedras e bastões no rosto e na boca. No curso do processo da tortura foi explícito que o governador procurava atingir a boca dos cristãos, pois era através desta que eles rezavam a seu Deus ofendendo o Imperador. Aqui

também são entendidas outras variedades de tormentos, como o corte da língua e a mutilação dos lábios.

O fato de Apolônia se atirar nas chamas levanta a idéia de suicídio e covardia a ponto de pasmar a santificação da mártir. Isso levou a muitas discussões, mas a Igreja e os historiadores nunca tiveram dúvida, interpretando o ato da Santa como devido à divina inspiração.

Surgiram 2 lendas em reação à Santa Apolônia – uma quer que os restos da Santa Alexandrina fossem recolhidos por fiéis e levados a Roma como uma “Pássio” do que originou a crença que fez da Santa uma mártir romana sob Juliano Apóstata. A outra surgiu durante a 2ª metade da Idade Média que atribuiu à Santa origem de realeza, a qual foi provocada pela errada tradução e interpretação das citadas palavras de Eusébio de Cesárea “admirável (excelsa) virgem” pelas quais simplesmente se queria apontar a destacada consideração da virgem no meio cristão alexandrino e não algo sobre suas origens.

Na história cristã os Santos representam a expressão humanizada do poder de sarar. Os doentes, querendo pedir auxílio dirigem-se aqueles, que na história, passaram pelas mesmas enfermidades, ou martirizados passaram por sofrimentos parecidos.

A mentalidade popular julgou que esses Santos por estarem mais perto de Deus por sua santidade, e dos homens por sua humanidade, constituiria um meio pelo qual o povo conseguiria a ajuda de Deus.

O culto à Santa Apolônia recebeu grande intensificação e divulgação durante as Cruzadas, a ponto de Petus Hispanus, o médico, que se tornou o Papa João XXI, falecido em 1277, após a indicação em seu “Thesaurus pauperum” de toda uma série de remédios que receitava contra as dores dentárias, também recomendava as orações à Santa Apolônia.

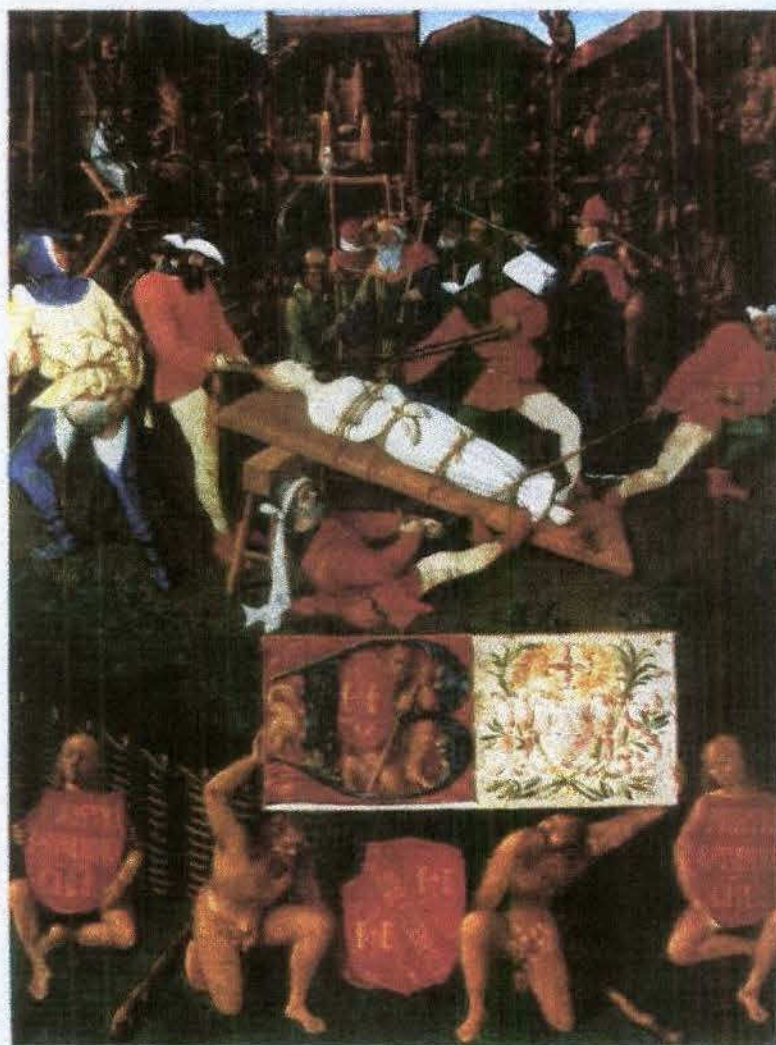


Figura1: Imagem ilustrativa sobre o martírio de Santa Apolônia

ICONOGRAFIA:

Esculturas, miniaturas e sobretudo pintura, presente em quase todos os países, representam a Santa e seu martírio.

Santa Apolônia, como sabemos já avançada em idade, é reproduzida como era no pensamento e na afetuosa veneração do povo: uma linda e serena jovem. A avulsão trouxe consigo, na imaginação popular, a idéia do fórcepe que encontramos portanto encerrando um dente, em suas mãos ou naquele de seus carnífcies. Os boticões, apesar das múltiplas formas, são sempre grosseiros e impróprios para extração

dentárias e também podem servir de documentação sobre os instrumentários das épocas (figura 2).



Figura 2: Imagem de Santa Apolônia segurando um fórcipe com um dente, em suas mãos.

Outros atributos da Santa são a palma, símbolo do martírio, o Evangelho, indicando que confessou e admitiu a sua fé, e a fogueira, de vez em quando presente ao fundo.

Para iconografia em geral, lembraremos a publicação de Walther Bruck de 1915, contendo mais de cem reproduções de pinturas e esculturas, coleção de John Wessler da Tandlakarinstitutet (Escola Superior de Odontologia) de Estocolmo e seu catálogo de 1923, com 158 reproduções.

Na impossibilidade de lembrar tudo a respeito, citaremos simplesmente alguns autores mais significativos e algumas curiosidades, menos conhecidas.

A mais antiga efígie da Santa pertence à Simone Martini (1284 – 1344) e encontra-se no Museu Cícero de Pisa. Pintada em 1320, faz parte de uma grande composição de 43 figuras, no qual Santa Apolônia é a segunda em baixo à esquerda, logo após Santo Estevão.

A Santa é colhida completamente de frente: a mão direita segura o manto e a esquerda uma pinça de carpinteiro.

O quadro mais afamado de Francisco Zurbaran, não somente pela celebridade do autor, como também pela magnífica e ímpar representação de Santa Apolônia, é o de Pietro Vannucci, dito o Perugino (1445 – 1523), mestre de Raffaello.

Encontra-se na Pinacoteca de Bologna, sob o nº 197, e é intitulado “Madona em glória e Santos”. Santa Apolônia é mostrada de pé com fórcipe e Evangelho, à esquerda da virgem, que está no alto sentada e coroada por anjinhos. A obra é de 1494, período de madureza do artista, e portanto das mais significativas e pessoais: refinado é o desenho, impecáveis as perspectivas, superlativa a impostação e o vigor das figuras.

A figura completa de Timóteo Viti, entre os retratos, isoladamente, de Santa Apolônia é um dos mais conhecidos, de grande suavidade, calor e harmonia, apesar da composição meio convencional. Na direita, segura uma tenaz de ferrador com um dente, pouco claro em detalhes, e na esquerda o Evangelho.

Primeiramente, este retrato foi colocado no altar mor da Igreja da Trindade, e, hoje, encontra-se na sala XIII da Galeria Nacional de Urbino.

Das representações pictóricas do martírio em si, merece especial destaque a tábua de Francesco Granacci. Esta pintura exhibe o martírio “em um conjunto engraçado e ao mesmo tempo rigoroso. A Santa, ligada mãos e pés e detidas por dois guardas armados, aparece serena e quase ausente da dor, que martiriza, dentro de uma composição remarcável pela incisiva representação das personagens (lindíssima a figura do guerreiro com armadura) e pelo jogo de luzes, que contrapõe Apolônia, em toda luminosidade, à figura do juiz da sombra”.

No Brasil foram encontradas 2 imagens de imagens de Santa Apolônia: uma em São Paulo, na igreja das Chagas e outra na igreja da Ajuda em Salvador, Bahia.

A estátua de Santa Apolônia, a qual recolhida no “consistório” da antiga igreja das Chagas do Seráfico Pai de S. Francisco, é uma lindíssima terracota, até hoje desconhecida e sem literatura.

A estátua mede 58 cm de altura, com uma base retangular, com os ângulos cortados, de 33 cm de frente – que trás a inscrição **S. APOLÔNIA** - por 26 de profundidade. É policroma, mas com preponderância do vermelho.

A Santa é apresentada até quase a virilha, tem cabelos pretos, com sulcos bem fininhos, repartidos ao meio e compridos até os ombros, continuando –se nas costas, embora sem cor na parte mais baixa. Sobre a fronte traz um reduzido adorno, quase uma corozinha que acaba no meio em um losango.

A carnção do rosto é natural, os olhos um pouco para fora e quase que basedowianos: em conjunto uma expressão pouca dinâmica, mas não de escassa significação.

As mãos são cheias, mas não grosseiras e muito pelo contrário cuidadosamente representadas em todos os detalhes: desde a marca da curva das unhas até as pequenas depressões dorsais metacarpo-falangiais.

A direita, abaixada, segura uma palma dourada, símbolo do martírio, e a esquerda um evangelho, quase horizontal, indicando que confessou e admitiu sua fé. Ausente está o clássico boticão.

O manto é vermelho escuro e cor de ouro, enfeitado por pequenos ornatos em forma de lírios estilizados. Um planejamento típico barroco, todo muito bem trabalhado.

Por baixo a base é totalmente oca pelo cone interno, bastante liso e regular, até o início da cabeça, para dar-lhe bom cozimento, conforme a melhor e mais antiga tradição, anterior a Cristo e já de uso pelos gregos. Como amiúde acontece a estátua não é datada, nem assinada.

Esta seria a mais antiga reprodução de Santa Apolônia existente no Brasil e que colocaria-se, portanto, conforme as hipóteses formuladas, na primeira metade do século XVII ou no fim do século XVII – começo do XVIII.

Na igreja da Ajuda, em Salvador, Bahia também existe uma magnífica estátua de Santa Apolônia. A Santa é como as demais, de madeira pintada, de finíssima execução e delicadíssima postura.

Apresenta-se de pé, o rosto levemente reclinado para o lado direito, segurando nas mãos dois de seus típicos atributos: na direita a palmeira, símbolo do martírio; na esquerda o clássico boticão.

Original é a forma pela qual a Santa segura o boticão: não pelos dois cabos, como em todas as demais reproduções, mas por uma haste só, quase com suave menosprezo e deliciosa ignorância da ortodoxa posição do uso, muito embora as garras prendam firmemente um molar.

O instrumento é bastante grosseiro: mais uma tenaz que um boticão, e também o dente aparece voluntariamente aumentado.

Sua veste é caracteristicamente barroca: um corpete azul sobre uma saia celeste, parcialmente encoberta esta por uma segunda, branca, forrada de vermelho, que um análogo manto, preso no peito, acompanha nos ombros. Todas as roupas tem desenhos ornamentais e as dobras de ouro.

A estátua, nem atrás, nem por baixo, apresenta assinatura ou data. Contudo, o tipo da escultura, inclusive o traje, aponta inequivocamente o século XVIII e a procedência portuguesa.

Uma exposição patrocinada pelo embaixador da Itália nos Estados Unidos, S. E. Egídio Ortona, de 12 de abril a 10 de maio de 1970 na "University Art Gallery – State University of New York" em Binghamton, e dedicada, com material recolhido de várias fontes dos Estados Unidos, à "Época de Vassari", nos reservou uma agradável assim

como inesperada surpresa: um “Martírio de Santa Apolônia”, desenho raríssimo e desconhecido de Jacopo Zucchi (1541-1589/90).

Com referência ao desenho, é preciso sublinhar que este no século XVI tornou-se na Itália algo de diferente, de intimamente ligado com a composição, com a proporção e com a beleza da pintura.

O desenho de Jacopo Zucchi provem da coleção do Dr. Julius S. Held. No verso, traz a inscrição, a lápis, “T. Zuccaro”, o que fez levantar a hipótese ser o autor Taddeo Zuccaro (1529-1566), o pintor eclético de Sant’Angelo em Valdo (Marche – Itália), mas foi incontestavelmente atribuído a Zucchi por Edmundo Pillsbury.

É realizado a pena e tinta, com aguada marrom e pontos mais iluminados brancos, sobre carvão preto. Mede 9 polegadas e $n15/16$ por $5\ e1/16$ (pol. mm. 25,4) e tem apoio circular. A cena é representada de forma imaginária e historicamente falsa.

No desenho de Jacopo Zucchi, Santa Apolônia é segura por um indivíduo à esquerda, que com uma mão espalmada atíça a um musculoso operador a remoção dos dentes com um longo instrumento já introduzido na boca e empurrado com força pelas duas mãos.

Um terceiro com aspecto de velho, mantém presa pelos cabelos a cabeça da Santa contra uma coluna encimada por um capitel jônico.

Mais dois jovens ajudantes aparecem entre as figuras, sendo que um empunha em sua mão direita um utensílio pontiaguda (alavanca?). Jogado ao chão, em primeiro plano, aparece um boticão, bastante próprio para dentes.

Sobre a cena principal, uma figura alada, parecendo um demônio, tem em sua mão direita uma presumível bacia, como se fosse destinada a recolher os dentes extraídos. Ao lado direito, um velho aponta a cena em um gesto implorativo. Às suas costas, entrevêm-se várias figuras femininas enfileiradas.

À esquerda bastões acesos e um simulacro de degraus ao fundo indicam a pira, na qual a Santa no fim se imolará.

Há um quadro representando Santa Apolônia e Santa Lúcia, conservado na igreja Plebana de São Martinho, em Premilcuore, aldeia da província de Forlì (Itália).

Trata-se de um retábulo de altar, pintado a óleo sobre tela, com as santas Lúcia e Apolônia de pé. A tela mede 21,0m x 15,0m. As duas santas estão reproduzidas com os atributos próprios de suas histórias. Santa Apolônia tem a palma do martírio na mão esquerda, ao passo que na direita segura um fórcepe dentário com entre as garras um dente. Aos pés de Santa Lúcia há um anjinho com um lírio na direita. Um anjo está acima da cabeça das duas santas, com uma coroa de flores entre as mãos. Notável o fato da coroa estar exatamente em correspondência da cabeça de Santa Apolônia.

Parece ser o quadro constituído pela aproximação de dois fragmentos diferentes, porque falta uma composição, que harmonize entre si as duas santas.

Santa Apolônia é maior que Santa Rita e curiosa e esquisita é a aproximação dos dois ombros, dos quais descem dois idênticos panejamentos, apesar de ser um em contraparte ao outro, como se a Santa visse refletido o próprio ombro dentro de um espelho.

O quadro parece pertencer a primeira metade do ano de 1700, tendo sido certamente seu autor, sempre segundo a abalizada opinião do Dr. Massaccesi, um aluno de Marcantonio Franceschini. De fato, o gracioso anjinho à direita denota muito o estilo deste pintor, de seus alunos ou colaboradores como o Quaini, o Bosi, o Garofalini, e outros. As características típicas de Franceschini foram o luxo típico setecentista em trabalhos e a delicadeza na escolha de cores tênues. Na impossibilidade de descobrir o nome do autor, podemos todavia classificar o quadro de Santa Apolônia e Santa Lúcia entre as obras de "oficina" de Marcantonio Franceschini.

O autor da tela não se afastou da tradição pictória; de fato, enquanto que a história da mártir Alexandrina Santa Apolônia nos diz que esta chegou ao martírio em idade avançada, na maior parte de suas figurações artísticas, e mesmo nesta pelo autor apresentada, vemo-la com a aparência de mulher jovem, ou diria mesmo, muito

jovem. Às vezes alguma tela a apresenta em idade mais avançada e isto acontece com maior freqüência entre os artistas estrangeiros, portanto historicamente mais exatos do que os italianos. Outro particular que interessa ao odontólogo é aquele representado pelo fórceps dentário. Sua forma não diz nada de indicativo, as garras, claramente não anatômicas, nos lembram mais um simples alicate do que um fórceps dentário. De fato, os boticões modernos, com pontas ativas ditas anatômicas, foram idealizadas somente em 1845 pelo inglês Tomes.

A propósito do alicate apresentado no quadro, as suas dimensões, que enquanto em outras obras de artes existentes aparecem freqüentemente enormes e absolutamente desproporcionais ao uso à ele atribuído, neste quadro ao invés conservam uma efetiva proporção com a figura humana tanto que, pelo menos neste caso, falta-nos, ao observa-lo, a idéia de encontrar-se diante de um instrumento de tortura, e sim mais simplesmente diante de um instrumento cirúrgico, sempre naturalmente com as limitações técnicas já lembradas.

Impossível, poder reconstruir pela figuração pictórica do instrumento sua efetiva morfologia nos tempos passados; não foi nunca a intenção do artista de fato, reproduzi-lo fielmente; sua presença no quadro serviu apenas para distinguir Santa Apolônia das outras mártires, assim como para estimular o sentido de piedade dos fiéis; por isso, as freqüentes enormes dos alicates que chamam a atenção, justamente pelo seu tamanho, do olhar do observador. Inútil frisar, além do mais que o uso do fórceps para martirizar a santa é pura fantasia visto que foi historicamente acertado que Ela foi brutalmente batida sobre as bochechas com pedras, e não com instrumentos metálicos, de qualquer forma que se queira.

Das miniaturas, que, numerosíssimas, acompanham e adornam antigas orações e breviários manuscritos, duas sobretudo polarizam a atenção e o interesse.

A primeira é uma das mais antigas reproduções de Santa Apolônia e foi encontrada em um livro de orações dominicano no fim do século XIV de um convento de Fiandra.

Pintada sobre pergaminho de 4,3 x 4,2 cm, inicia-se com a seguinte reza: Apolônia, virgem e mártir egrégia, reza por nós. Que as tuas orações se elevem ao Senhor para não sofrer mais de dor de dentes por causa de nossas ofensas. Versículo: Reza por nós Santa Apolônia a fim de sermos dignos das promessas de Cristo. Rezemos. Prece: Oh Deus onipotente e semiterno, para cuja glória Santa Apolônia virgem e mártir sofreu com firmeza a horrível extração dos dentes, concede-nos, por intermédio de sua santa intercessão, que quantos comemoramos com alegria a sua festividade estejam livres da dor de dentes assim como de outros males pulsantes que nos ameaçam. Para nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

A imagem mostra a santa no jardim, verossimilmente de um convento, no ato de ler o Evangelho, enquanto leva apoiada no ombro uma grande tenaz. Estranho é o aspecto oriental da face, talvez com o propósito de fazer lembrar a sua, procedência Alexandrina.

A segunda miniatura também inicia com uma oração, é contida em um breviário manuscrito do século XV, localizado na biblioteca de Munich.

Interessante é a grande semelhança entre esta e a precedente pela composição, a postura da santa e a posição do fórceps. Outra analogia acentuada é ainda aquela deste boticão com o primeiro do baixo relevo egípcio de Kom- Ombo.

A incisão da santa é impressa exatamente na última página do livro de Francisco Martinez, um dos primeiros tratados sobre os dentes, editado em Valladolid em 1557.

Abaixo da figura da mártir, é repetido ad litteram o começo e o núcleo principal da oração do breviário de Fiandra do século XIV, testemunhando a difusão da prece e a confiança nela depositada.

LENDAS E CRENÇAS POPULARES:

Deve-se reconhecer que o povo necessita de suas lendas, algumas ditadas pela fé, como o culto à Santa Apolônia, também precisam de entusiasmo, veneração e amor, visto que um povo sem crenças se torna um povo árido, absurdo e incontestavelmente falso.

No caminho dos séculos, além das orações, inúmeros foram os contos, as lendas e os provérbios, criados pela fantasia e a veneração do povo. Dom Nicolas Alexandre em 1714 refere a um diálogo curioso entre Santa Apolônia e Jesus, que na afirmação do último verso revela a crença popular – ainda viva na época – do verme do dente como responsável pela dor.

Cêndices com absurdas expressões de culto, se não oficializadas, mais ou menos toleradas pela Igreja, tiveram sempre grande difusão na Europa e particularmente na França, onde nem hoje estão completamente extintas.

Assim, em Villers, na Normandia, costuma-se cravar pregos na margem inferior do vestido de uma estátua de madeira de Santa Apolônia, para preservação das dores dentárias.

Em Pontmain, no cemitério da aldeia, ainda existe uma estátua análoga, na qual os camponeses fincam pregos, só que os lugares mais idôneos são a boca e a face.

E não somente as cortesãs de Luís XV pediam à Santa Apolônia a proteção da beleza de seus dentes, mas até as prostitutas de Paris costumavam dirigir-lhe a petição.

Pelo que concerne ao Brasil o culto à Santa Apolônia é raro, quase que absolutamente ignorado em nossa terra. A “Associação Paulista de cirurgiões Dentistas” remedeia, porém, embora muito parcialmente esta patente lacuna.

Na sede à rua Humaitá, junta à parede de fundo do salão das conferências, temos um retrato à óleo da Santa.

A pintura, cópia de uma oleografia, foi realizada pela Sra. Walinda da Cunha Vieira Rosas, esposa do colega Octávio Demaq Rosas, tendo ficado muitos anos em seu consultório.

Após a morte do Dr. Rosas em 1956, a viúva homenageou a memória do marido doando o quadro à Associação.

A tela, muito expressiva, reproduz a Santa no semblante jovem da tradição iconográfica com seus três atributos simbólicos: a tenaz, a palma e o Evangelho.

No Chile, não existem reproduções artísticas da Santa, mas, em compensação, temos sinais de fé e apreciação de suas virtudes taumatúrgicas.

No Peru há um bairro em Lima e uma Igreja dedicada à Santa Apolônia.

Rezas e Simpatias:

O nome Santa Apolônia é freqüentemente mencionado em orações nos breviários dos católicos romanos em intenção especial para o alívio da dor de dentes. Essas orações são especialmente populares no sul da Alemanha (Bavária), na Espanha, Itália e França. Igrejas são dedicadas a Ela em Roma e em outras cidades.

Em Beaumont-les-Auteles, sul da França, uma capela é dedicada à Santa e, no seu dia comemorativo, 9 de fevereiro, muitos dentistas da França e países vizinhos fazem peregrinação àquela pequena cidade para celebrar o evento.

Na última página do livro de odontologia de Francisco Martinez (Valadolid, Espanha, 1557), uma oração em latim está inscrita sob a figura de Santa Apolônia:

"Virgo mártir egrégia

pronobis Apolônia

Funde precesad dominu

Ne pror eatu criminu

Vexemu morbo didiu.”

Em um livro de orações muito usado na Bavária, encontra-se o seguinte verso:

“Apolonia of Bayerland,
I raise to thee my right hand
And promise thee ten candles
If thou takest my toothache away.”

A tradução dessas duas orações acima foi feita por Thales Ribeiro de Magalhães, Professor adjunto, livre docente –FOUFF>

As rezas-simpatias são feitas geralmente para três santos, no que diz respeito à dor de dentes: São Pedro, São Paulo e Santa Apolônia.

Estas simpatias são de cunho folclórico, exclusivamente. Elas são coletadas através da sabedoria e da crença popular.

REZA-SIMPATIA 01:

O benzedor diz estas palavras, enquanto traça cruzeiros no ar, do lado que o dente dói:

“Santa Apolônia, sentadinha numa pedra,
Nossa Senhora apareceu e lhe perguntou:

Apolônia , que tens?

Dor de dentes, Senhora.

Agora mesmo vou te benzer.

Diz comigo, Apolônia:

(doente e benzedor, juntos)

Sol nascente, lua no horizonte:

Assim como Nossa Senhora

Trouxe o seu filho no ventre,

Assim sare a dor do nosso dente.”

REZA SIMPATIA 02:

Ia Santa Apolônia de rua abaixo,

Topou com Nossa Senhora, no seu trono de poro.

Nossa Senhora perguntou:

“Pra onde vais, Apolônia?

Senhora, eu vou à vossa procura,

Para curar dor de dente.

Volte pra trás Apolônia!

Pelo sol nascente,

Pela lua reluzente

Eu te curo e dor de dente

Em nome de Deus Pai,

Eu te curo com o nome de Deus,

Eu te curo com o nome do Filho,

Eu te curo em nome do Espírito Santo.”

Oração à Santa Apolônia para curar nevralgias e dores de dente:

EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO

Santa Apolônia, que por amor à Jesus fostes martirizada, dizei comigo estas palavras, fazendo comigo o sinal da cruz sobre o lugar dolorido:

Por minha ordem, afaste-te, mal.

Se for uma gota de sangue, secará.

Se for um verme ou micróbio, morrerá.

Assim seja.

Rezar um Creio em Deus Pai.

Oração à Santa Apolônia:

Santa Apolônia

Ó gloriosa Santa Apolônia, por aquela dor que padeceste, quando, por ordem do tirano, vos foram arrancados os dentes que tanto decoro ajuntavam ao vosso angélico rosto, obtende do Senhor a graça de estarmos sempre livres de qualquer moléstia relativa a este sentido ou pelo menos de sofrê-la constantemente com impertubável resignação. Amém.

CONCLUSÃO:

Na Igreja Católica, Santa Apolônia é a imagem a qual se rende tributo para dores dentárias. E uma analogia muito sugestiva nos chama a atenção entre o culto à Apolo e a história de Santa Apolônia, de quem se conta foram quebrados todos os seus dentes com pedras afiadas, na Alexandria pagã; o dia instituído para o seu culto foi 9 de fevereiro.

Possivelmente, a história de Santa Apolônia nada mais é do que uma forma de culto à Apolo, entre os cristãos, que não podendo adorar ao sol para acalmar suas dores dentárias, por ser um Deus pagão, criaram uma Santa em seu nome (Apolônia) em uma virgem cristã martirizada no século III d.C. (ano 248) em Alexandria, durante o reinado de Felipe, o árabe. Santa Apolônia, em meio ao suplício, pediu à Deus que todos os que sofressem de dores dentárias ao invocar o seu nome, especialmente em 9 de fevereiro, teriam suas dores imediatamente acalmadas. (Professora Maria Devanir Figlioli, em “A Odontologia no Brasil no Século XX”).

As rezas e as invocações aos santos são meios conhecidos em todas as sociedades e em todas as épocas para ajuda em todos os aspectos da vida, mas principalmente para cura física ou a proteção contra males, mesmo após o advento da medicina moderna.

Falando sobre Medicina Popular, citamos as benzeduras e algumas fórmulas mágicas que incluem cerimônias religiosas tais como rezas e o sinal da cruz para curar a dor de dente ou evita-la.

Aos santos em todas as religiões, são atribuídos milagres ocorridos durante suas vidas, que caem em três categorias: cura, milagres relacionados à natureza e profecias. Desses três, não há dúvida que os milagres de cura são os mais significativos e numerosos exemplos aparecem tanto no Velho como no Novo Testamento. É interessante notar que milagres de cura são atribuídos aos santos

também postumamente. Há santos que ajudam contra todos ou contra muito males, mas há também santos “especializados”, ao quais se recorre para ajuda relacionada à sua especialização.

De um modo geral, todos os males dos dentes, incluindo as dores, o aparecimento da primeira dentição e posteriormente a sua queda, e os dentes permanentes, segundo a tradição católica, estão sob a proteção especial de Santa Apolônia.

Seja pelos fatos ou por lendas, Santa Apolônia tornou-se muito popular, e é hoje invocada nas dores de dente, tendo sido escolhida a padroeira da Odontologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. AMADEO BOBBIO – CD E MD. Santa Apolônia: martírio, culto, iconografia e crenças; Janela sobre a História, 51-63,1964
2. AMADEO BOBBIO. Rara, Antiga e Desconhecida Estátua de Santa Apolônia em São Paulo; Janela Sobre a História, 144-153,1972
3. AMADEO BOBBIO. Santa Apolônia na Igreja da Ajuda, em Salvador, Bahia Va Procura em Olinda, Pernambuco; Janela sobre a História, 294-301
4. AONP – Revista 05. Departamento Cultural Santa Apolônia Protetora dos Dentistas
5. Copyright – The Catholic Encyclopdia
6. AMADEO BOBBIO CD e MD, PIETRO MARIA BARDI. O Martírio de Santa Apolônia em um Desenho de Jacopo Zucchi; Janela Sobre a História, 209-213, 1970
7. DILSON ÁVILA TOMÉ CD. Rosas para Santa Apolônia; Janela Sobre a História, 266 –275
8. FRANCESCOAULIZIO. Sobre um Quadro de Santa Apolônia da Igreja de São Martinho em Premicoure (Forlí – Itália); Janela Sobre a História, 117-120, 1965

9. Fonte: Jesus Vive

10. MARIO SGARBOSSA e LUIGI GIOVANNINI EDIÇÕES PAULÍNIAS. Fonte: Um Santo Para Cada Dia, 1983, São Paulo.

11. PORTAL APCD. Santa Apolônia, a protetora Santa Apolônia, a protetora dos que sofrem de dor de dente

12. REVISTA BRASILEIRA DE ODONTOLOGIA MILITAR. Órgão Oficial da Academia Brasileira de Odontologia Militar. Rio de Janeiro – Brasil – ano 3 – nº6, 18